



Vitórias para garantir um bom Conselho

Fisenge apóia candidatos vitoriosos e lidera movimento nacional pela ética e a transparência

O dia 4 de junho de 2008 se configurou em uma das datas mais importantes do calendário dos profissionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, com a realização das eleições para o Sistema Confea/Crea. Na ocasião, Marcos Túlio foi reeleito para o Confea em uma vitória expres-

siva. Também foram declarados vitoriosos para assumir a presidência dos Conselhos Regionais Agostinho Guerreiro (Crea-RJ), Luiz Fiorotti (Crea-ES), Jonas Dantas (Crea-BA), João Francisco (Crea-RO), Paulo Laércio (Crea-PB), Álvaro Cabrini (Crea-PR) e José Mario (Crea-PE), entre outros.

No Rio de Janeiro, a vitória consagradora de Agostinho Guerreiro confirmou a expectativa: a democracia deu sinais de amadurecimento com a vitória do candidato da mudança, que contou com apoio de um amplo movimento comprometido com bandeiras de lutas históricas para os profissionais.

EDITORIAL

Quarta Frota

A gravidade da notícia da reativação das operações militares da IV Frota merece reação à altura. Bastou ser divulgada a descoberta de gigantescos campos de petróleo e gás na camada de pré-sal no litoral brasileiro para a Quarta Frota da marinha dos EUA, que conta com o maior navio de guerra, voltar a realizar operações nos mares da América Latina.

Criada em 1943, em plena 2ª Guerra, a IV Frota foi desativada em 1950 e volta a entrar em ação sob a direção de um oficial com experiência no Vietnã, com o pretexto de "combater o terrorismo" e promover "ações humanitárias".

O fato provocou duras críticas de líderes latino-americanos, como Fidel Castro, Lula e Hugo Chávez. Todos defendem a necessidade de o Mercosul exigir explicações junto ao governo Bush. Também avança e se consolida a criação de um Conselho de Defesa da região.

Já vimos muitos "filmes" de horror das ações dos EUA em nosso continente, na península coreana, na década de 50, no Golfo de Tonkin, no Vietnã, nas décadas de 60 e 70, e mais recentemente, no Mar Mediterrâneo, quando deram apoio logístico e militar à invasão do Afeganistão e do Iraque, entre muitos outros exemplos, inclusive vivenciados no Brasil. O mais recente foi em 1964, quando a operação militar Brother Sam, com um porta-aviões e seis contra-torpedeiros, foi preparada para dar apoio ao golpe, o que só não aconteceu em função da queda, sem resistência, de Jango.

O momento exige um clamor internacional de repúdio e ações efetivas que caminhem para que o mundo dê um basta à política criminoso de Bush.

Medidas legais e em nome da soberania nacional estão em pauta para impedir que o porta-aviões cumpra a missão de coletar informações sobre o litoral brasileiro, mas o mundo sabe da ameaça que representa mais essa inaceitável operação, fruto da arrogância e da estratégia norte-americana de controle mundial das fontes de energia. Não bastam palavras de indignação. Não basta ter memória.

(ADiretoria)

Vitória no setor elétrico

O Coletivo Nacional dos Eletricitários (CNE), representando os trabalhadores do Grupo Eletrobrás e das distribuidoras federais de energia, conseguiu importante vitória no dia 12 de junho, após quase dois meses de intensas negociações com a diretoria da *holding*. Buscando um outro patamar nas discussões envolvendo os benefícios dos trabalhadores, foram realizadas três paralisações, nos dias 29 de maio, 9 e 10 de junho, com efeito positivo para acelerar

uma posição concreta da Eletrobrás, que até então movia-se vagarosamente sobre o tema. Dentre os avanços obtidos, os principais são o direito ao aumento real, o reajuste no auxílio-alimentação e a unificação dos benefícios. Com a aprovação destas propostas, o CNE declarou-se "satisfeito com os progressos, que se mostraram superiores aos do ano passado", enquanto a diretoria da Eletrobrás disse ter chegado ao seu limite nas negociações.

Eleições movimentam Senges PR, BA e VR

Os meses de maio, junho e julho movimentaram o calendário eleitoral dos Senges do Paraná, Bahia e Volta Redonda, respectivamente.

No primeiro pleito, os resultados apontaram a vitória da chapa *Engenharia e Cidadania*. Assim, desde o dia 3 de julho, data da posse, a presidência do Senge-PR para o mandato 2009/2012 está sob o comando de Valter Fanini, que pretende manter a filosofia praticada há 21 anos no sindicato.

No início de junho, o Senge-BA realizou seu processo eleitoral para o triênio

2008/2011. A vitória da chapa *Compromisso com a Engenharia, Compromisso com o Brasil*, marcou a reeleição do atual presidente, Ubiratan Félix dos Santos. Como prioridades para o segundo mandato, estão a implantação do Salário Mínimo Profissional e o aumento do número de sindicalizados no Estado.

Em Volta Redonda, no mês de julho, a Diretoria Executiva do Senge-VR divulgou o resultado do processo que definiu a presidência da entidade para o quadriênio 2008/2012. Foi reeleito o atual presidente João Thomaz Ferreira da Costa.

Nota em solidariedade

Após o incidente envolvendo o engenheiro Paulo Resende e índios Caiapós durante a audiência pública para a construção da hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira, no Pará, dia 20 de maio, a Fisenge dedicou uma nota em solidariedade ao profissional. A Federação declarou-se "apoiadora do processo democrático de discussão dos vários aspectos sociais, econômicos e ambientais (...), sem, contudo, abrir mão do mútuo respeito e dos valores de justiça em favor do bem comum". Além de receber inúmeras manifestações de apoio em favor do colega, a Fisenge divulga, ao lado, a resposta do engenheiro Paulo Resende que reafirma o compromisso com o diálogo.

À Diretoria Executiva da FISENGE,

Acuso o recebimento da Nota de Solidariedade a minha pessoa em função do ocorrido em Altamira.

Agradeço a gentileza e aproveito para reafirmar o nosso compromisso de estabelecer o diálogo com a sociedade da região para avaliarmos os impactos e elaborarmos em conjunto as ações e programas para compensar/minimizar os impactos. Atenciosamente,

Paulo Fernando Vieira Souto Rezende
Coord. dos Estudos do AHE Belo Monte
Centrais Elétricas Brasileiras S.A. -
ELETROBRÁS

fisenge

FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DE SINDICATOS DE ENGENHEIROS

DIRETORIA EXECUTIVA: Olímpio Alves dos Santos - RJ - Presidente: Carlos Roberto Bittencourt - PR - Vice-presidente: Roberto Luiz de Carvalho Freire - PE - Diretor Tesoureiro Antônio Dias Vieira - MG - Secretário Geral: Paulo Cesar N. Granja - RJ - Diretor de Relações Sindicais: Fernando Elias Vieira Jogaib - VR - Diretor Executivo: Ubiratan Félix Pereira dos Santos - BA - Diretor Executivo: Alméria Vitória Carniato - PB - Diretora Executiva: José Ezequiel Ramos - RO - Diretor Executivo.
Coordenadora de Comunicação: Tânia Coelho - Jornalista Responsável: Eduardo Pacheco MTE: 29.101/RJ
Diagramação: Leonardo Santos - Tiragem: 2.000 exemplares; Impressão: Gráfica Falcão
Fisenge: Av. Rio Branco, 277 - 17º andar - CEP 20040-009 - Centro - Rio de Janeiro - RJ
Tel: (21) 2533-0836 - Fax: (21) 2532-2775 - E-mail: fisenge@fisenge.org.br Site: www.fisenge.org.br

■ Continuação da capa

Valorização profissional: compromisso de campanha

A mobilização e a fiscalização eficazes foram determinantes para a vitória, mesmo com todas as dificuldades encontradas em um Crea monopolizado e com métodos de administração arcaicos. Ao vencer, Agostinho provou que o valor da soma de forças, organizadas no Movimento União pelo Crea-RJ, baseadas na ética e na transparência, ampliado na campanha com uma ampla rede de apoios, como Oscar Niemeyer, reitores das maiores universidades do país, entidades de classe e associações de profissionais, são capazes de reverter a situação de autoritarismo e acomodamento que marcava a presença do Conselho no cenário nacional.

“Nossa conquista é a vitória da mudança. Os profissionais sinalizaram que o modelo centralizador e personalista não tem mais espaço. Agora é a vez, ainda que tardia, da transparência e da democracia” – analisou Agostinho Guerreiro.

As vitórias recentes são frutos de debates e lutas que vêm marcando as últimas décadas e provocando, gradativamente, mudanças substanciais.

Ainda assim, situações como a do Crea-SC, onde o atual presidente Raul Zucatto, reeleito com expressiva votação, está impedido pela justiça de ser declarado vencedor, continuam a acontecer. Neste caso particular, a oposição tentou de todas as maneiras anular o pleito ao invés de buscar votos com propostas concretas em benefício dos profissionais do Sistema Confea/Crea. Com isso, Raul Zucatto, também apoiado pela Fisenge, aguarda a promulgação oficial do resultado, que será anunciado pelo Confea em 2 de setembro. Até lá, Zucatto optou por não dar declarações públicas, apesar da vitória incontestada nas urnas.

Nesses novos tempos, apesar de deparmarmos-nos com casos esporádicos de desrespeito às regras do jogo democrático, percebemos, também, o amadurecimento das instituições, a fiscalização dos profissionais e, sobretudo, o anseio da sociedade por Conselhos a níveis regional e federal, capazes de lutar por seus profissionais.

Dessa forma, ao manifestar publicamente seu apoio político aos candidatos vitoriosos citados, a Fisenge, mais uma vez, assume o compromisso com os profissionais que integram o Sistema, de resgatar a credibilidade dos Conselhos e da própria engenharia nacional alinhada com todos os segmentos sociais que atuam em defesa da ética e da democracia.

A pós a confirmação das vitórias, os candidatos apoiados pela Fisenge intensificaram o debate sobre suas principais propostas ao assumirem os cargos de presidentes nos Creas. Disparada entre os compromissos de campanha esteve a valorização do profissional, o que leva a crer que um dos pilares de atuação dos Creas, com apoio do Confea, será no sentido de sanar as questões que impedem o desenvolvimento do profissional do Sistema e, com isso, aglutinar mais engenheiros, arquitetos e agrônomos para atuarem junto aos Conselhos. Veja, abaixo, trechos das declarações dos sete candidatos vitoriosos.

LUIS FIOROTTI –Crea/ES

“Conseguimos mobilizar mais de mil profissionais a comparecer às urnas. Eles merecem mais uma vez nosso respeito, e faremos isso com ações que valorizem todas as categorias do nosso Sistema profissional.”

JOÃO FRANCISCO –Crea/RO

“Temos várias propostas que irão preparar o nosso Conselho para um novo tempo de desenvolvimento. Vamos dar continuidade ao processo de interiorização dos serviços.”

ÁLVARO CABRINI –Crea/PR

“O apoio dado pelos profissionais foi bem expressivo e confirma a aderência às nossas propostas de valorização profissional. Com o novo mandato, anteciparemos a execução do planejamento estratégico.”

PAULO LAÉRCIO –Crea/PB

“A luta pelo SMP será prioridade na minha gestão. Outros projetos são o incentivo à educação continuada, a formalização de convênios com prefeituras, a capacitação dos servidores do Crea, dentre outros.”

AGOSTINHO GUERREIRO –Crea/RJ

“Vamos começar com mudanças de curto prazo. O estado do Rio merece recuperar seu passado de cérebro da engenharia nacional, dos grandes projetos de infra-estrutura e da boa relação com os profissionais.”

JONAS DANTAS –Crea/BA

“A nossa reeleição é entendida como um avanço no processo de construção de políticas de valorização profissional e uma firme busca de parcerias com os movimentos populares e sociais.”

JOSÉ MARIO CAVALCANTI –Crea/PE

O Crea-PE foi dirigido por pessoas cuja gestão foi reprovada pelos profissionais em função do interesse em fazer do Conselho uma extensão dos interesses de empresas de engenharia, fugindo de sua missão de representar os profissionais. Não vamos deixar de dialogar com os empresários, mas a verdadeira luta do Crea é em prol dos profissionais associados.

ENTREVISTA

RICARDO CANESE

ENGENHEIRO ESPECIALISTA EM ENERGIA

Em busca do diálogo

O engenheiro Ricardo Canese é especialista em hidroeletricidade e membro do Movimento Popular Tekojoja, que ajudou Fernando Lugo a se eleger como presidente do Paraguai e encerrar 61 anos de centralismo político do Partido Colorado. Canese é tido como uma das pessoas mais bem preparadas para discutir com o Brasil a questão de Itaipú. Na entrevista abaixo ele fala sobre política, Mercosul e integração energética.



Eduardo Pacheco

entre governos. Queremos tratar deste assunto com o máximo de cautela que a questão merece, sem deixar que se torne um motivo de discórdia entre os dois países. No dia 1º de abril, um dia antes das eleições no Paraguai, nós fomos recebidos pelo presidente Lula, que foi bastante compreensivo com o tema ao dizer que trataria a questão com grande respeito e prioridade. Lula que não pretende ver o Brasil crescer às custas de seus vizinhos. Temos que buscar um trato que seja capaz de superar um tratado que remete às ditaduras. Nós acreditamos em uma integração energética dentro do continente, somos os

Setores progressistas da sociedade latino-americana comemoraram a vitória de Fernando Lugo para a presidência do Paraguai. Dentro de qual contexto se deu essa vitória?

É uma mudança depois de mais de 60 anos de governos autoritários e excessivamente conservadores. A Aliança Patriótica para a Mudança (coligação de partidos que apóiam Fernando Lugo), conseguiu importantes vitórias, no entanto há muito o que se fazer para inverter o modelo político sustentado pelas oligarquias. Ainda assim, conseguimos uma virada histórica, principalmente para os partidos políticos e movimentos sociais. Fernando Lugo é um líder muito querido no país e está aglutinando forças para realizar as mudanças necessárias para o país.

Em relação ao Mercosul, Lugo levantou a bandeira de um Paraguai mais atuante. De que forma ele pode conseguir a igualdade com os demais membros do bloco?

A igualdade, neste caso, seria algo parecido com respeito e reconhecimento de que está nascendo um governo digno. Claro que o Paraguai, por ser um país menor, que produz menos e tem menos popula-

ção não seria, ainda, capaz de competir economicamente com o resto do bloco. Mas, a Europa nos dá bons exemplos de aplicação de políticas de diminuição das assimetrias. O Mercosul deve desenvolver mecanismos que também retrocedam as disparidades. Se não for assim, o bloco continuará tendo muita resistência por parte dos paraguaios. São três as nossas dificuldades dentro do bloco: é o menor país, não temos uma saída para o mar e possuímos um índice de pobreza enorme.

“Temos que superar um tratado que remete às ditaduras”

No Brasil, a mídia empresarial coloca a questão da hidrelétrica de Itaipu como um objeto de disputa entre os dois países. Como esse tema está sendo tratado no Paraguai e de que forma esse debate está sendo trazido para o Brasil?

Durante um Fórum, em São Paulo, que reuniu partidos políticos de esquerda, fomos amplamente apoiados. A partir de 15 de agosto iniciaremos conversas oficiais

únicos com excedente de energia elétrica. Com um bom manejo entre os países, podemos sair fortalecidos com essa integração. Por exemplo: no ano passado, a Argentina perdeu quatro bilhões de dólares por falta de energia elétrica. Se tivéssemos uma interconexão elétrica, poderíamos ter evitado uma crise. Temos que criar uma proposta onde todos ganhem e contribuam para reduzir os custos energéticos das nações vizinhas. Querer alcançar a nossa soberania energética não é um desejo egoísta do Paraguai, mas uma questão de necessidade e sobrevivência.

Sabemos que muitos setores da sociedade paraguaia querem tê-lo como membro desse novo governo. Existe essa possibilidade?

Fui eleito para o Parlamento do Mercosul, com número expressivo de votos. Neste sentido, se Lugo me convidasse para assumir um cargo no governo, isto implicaria em renunciar a meu cargo de parlamentar no bloco. Ele me ofereceu coordenar uma equipe de renegociação de Itaipu e acho bastante razoável, pois não precisarei renunciar ao meu cargo atual dentro do bloco regional e poderei contribuir com a minha experiência para a questão de Itaipu.